CONTRIBUIÇÕES FEMINISTAS PARA AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS*

Mariana de Oliveira Barros

Eventually I suffered what some colleagues regarded as a severe professional disorder, the symptoms of which involve believing that the study of international relations can gain more from studying Foucault than NATO. The subject is in need of reinvention, but this first requires the reinvention of its teachers.

Ken Booth (1995: 109)

Introdução

As chamadas perspectivas feministas na área de Relações Internacionais surgiram principalmente a partir da década de 90, quando alguns teóricos buscaram inspiração em outros campos para rever suas formas convencionais de produção de conhecimento visando a compreender o surpreendente fim pacífico da Guerra Fria e a aceleração do processo de globalização.

Ao contrário do movimento feminista dos anos 70 liderado por Simone de Beauvoir, que queimou sutiãs na luta por direitos iguais para homens e mulheres – o que acabou sendo assimilado, no (habermasiano) *common-sense* ocidental, como igualdade entre o feminino e o masculino –, as "perspectivas feministas" que surgiram na década de 90 são, acima de

* O presente artigo está extensivamente baseado em minha dissertação de mestrado, intitulada "Pós-Positivismo em Relações Internacionais: Contribuições em Torno da Problemática da Identidade", defendida no Programa San Tiago Dantas de Pós-Graduação em Relações Internacionais (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP; Universidade Estadual Paulista-UNESP, e Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP).

tudo, discursos de crítica à cartografia moral da civilização ocidental e à dualidade ontológica masculino/feminino. O feminismo pós-1990, segundo Ann Tickner, uma de suas mais renomadas contribuintes, pode ser definido como

> *a distinctive methodological perspective that fundamentally challenges the often unseen androcentric or masculine biases in the way that knowledge has traditionally been constructed in all disciplines* (Tickner, 2005: 3).

Conforme veremos no decorrer deste artigo, as abordagens feministas nas Relações Internacionais assumem discursos diversos, ora mesmo divergentes, corroborando a produção do pensamento pós-positivista[1] que heterologamente[2] vem sendo construído. Quase uma colcha de retalhos feita de discursos subalternos, costurada pela dor daqueles que tiveram seus discursos silenciados e seus valores excluídos e colorida pela criatividade dionisíaca dos que viveram no exílio do apolíneo conhecimento moderno.

O feminismo das argumentações deste artigo é o feminismo que se apropria da desconstrução da relação saber-poder de Foucault (1987) para reivindicar, através da valorização das diferenças entre os gêneros, a transvaloração – no sentido nietzschiano – da moral de gênero que domina a produção de conhecimento na modernidade. Um feminismo que, como veremos mais adiante, se aproxima da rotulação “feminismo pós-moderno”.

Não obstante, dada a dominação espaço-temporal de uma epistemologia machista na produção de conhecimento na modernidade, este artigo é também um discurso feminista na medida em que não deixa de reivindicar a inclusão do feminino[3] no espaço da produção de conhecimento. Isso se daria principalmente por meio do questionamento das disciplinas de controle da sociedade moderna.

O objetivo mais importante deste trabalho é buscar mostrar as abordagens feministas como ferramentas que corroboram para a articulação de uma “ética alternativa” (Shapiro em Campbell e Shapiro, 1999) à moral do discurso moderno da área de Relações Internacionais. Será argumentado que o discurso tradicional da disciplina é fundacionalista tendo por

ontologia uma epistemologia dual de maior valoração do imaginário masculino.[4]

1. Pós-positivismo e Relações Internacionais

O que vimos acontecer desde o fim da Guerra Fria, ou o fim do século XX e início do século XXI, coloca novas questões nas agendas de análise das relações internacionais. As fronteiras de configuração do mundo moderno estão se modificando. Trata-se da transposição (pacífica, mas não passiva) das fronteiras territoriais da antiga URSS; das fronteiras territoriais da Europa; das fronteiras lingüísticas entre Estados Unidos e México; das fronteiras ideológicas entre China e Estados Unidos; das fronteiras identitárias dos sexos; das fronteiras da física mecânica; das fronteiras do mundo cartesiano; enfim, das fronteiras que um dia conformaram a identidade do sujeito moderno.

Para entender as críticas feministas às teorias tradicionais de Relações Internacionais é preciso olhar essa área de estudo como sujeito moderno produtor de conhecimento cujas fronteiras, limites e identidade são postos à prova quando há o questionamento da identidade do mundo atual. Construindo e sendo construídos pelo "ethos" moderno, os primeiros escritos da área de Relações Internacionais são parte de um discurso idealista, fundamentado nos 14 pontos de Wilson, que abordou as questões de maior importância para a delimitação da área: a cooperação internacional e a idéia de segurança coletiva. Um discurso assumidamente normativo, em prol do bem e da paz.

Finda a Segunda Guerra Mundial, os discursos se transformaram. A aceitação de que o discurso idealista das Relações Internacionais pudesse ser a própria causa da guerra, fez do discurso realista científico judeu-alemão-americano de Morgenthau a solução para as questões das relações internacionais. Enquanto as ciências exatas e humanas entenderam Hitler como um símbolo do fracasso do discurso racionalista moderno sobre a verdade e a objetividade e deram início a um processo de auto-questionamento, as ciências sociais – e as teorias de Relações Internacionais – partiram em busca de maior cientificidade:

> *The social sciences, seeking objectivity, legitimacy, and predictability, set out to embrace the traditional methods of the physical and natural sciences. But they did so at a time when physicists, biologists, and mathematicians, concerned about disparities between their theories and the reality they were supposed to characterize, where abandoning old methods in favor of new ones that accommodated indeterminacy, irregularity, and unpredictability – precisely the qualities the social sciences were trying to leave behind. To put it another way, the soft sciences became harder just as the hard sciences where becoming softer* (Gaddis, 1992: 54).

No entanto, como sugerido no início deste tópico, o colapso da União Soviética no final da década de 1980 foi um grande marco de mudança na ordem do sistema internacional, pois representou a substituição de uma longa era caracterizada pela rivalidade ideológica por novas configurações das relações interestatais. O desmantelamento das antigas estruturas do sistema internacional pôs a pique modelos geopolíticos familiares, espalhando incerteza global acentuada pelas novas armas de destruição em massa assim como pelas novas formas de produção em massa. O mundo ideologicamente dividido do pós-guerra foi rapidamente substituído por uma realidade de um mercado global na qual tempo e espaço já não correspondem mais à realidade do Pós-Segunda Guerra Mundial (Knutsen, 1997: 264).

Questões como cultura, identidade e nacionalismo tornam-se ordem do dia das análises dos teóricos da disciplina de Relações Internacionais. A incorporação dessas novas problemáticas virá junto com um movimento maior, de trazer os questionamentos que já vinham sendo feitos nas outras áreas das ciências humanas para o campo das Relações Internacionais.

As teorias de Relações Internacionais já não davam conta de explicar satisfatoriamente o cenário mundial do Pós-Guerra Fria, e alguns pensadores de Relações Internacionais partem então para jornada mais interdisciplinar no escopo de fazer uma revisão das fundações do pensamento da disciplina. Consoante Knutsen

> *The old, familiar Cold-War world unraveled unexpectedly during the 1990s, forcing students of international politics to redirect their attention towards new questions and issues. Moreover, familiar concepts, through which the*

> *world was observed and understood, were corroded. To the question of what we should study was added a mounting uncertainty about how we should study* (1997: 268).

Para os autores pós-positivistas – aqueles que se dispuseram a criticar a produção de conhecimento na área no Pós-Guerra Fria – era preciso trazer de volta as questões metateóricas, e fazer maior uso de instrumentais desenvolvidos pelas outras áreas das ciências humanas, como filosofia, antropologia, lingüística, psicologia e sociologia para compreender um mundo que, apesar de dividido entre Estados, tem suas decisões tomadas por seres humanos.

A dissidência em Relações Internacionais propõe uma critica à razão Ocidental Moderna que, como nos falava Max Weber, foi o principal instrumento do desencantamento do mundo – sendo este processo entendido outrora como um progresso da Idade das Trevas para a Idade Moderna. Contudo, atualmente, essa idéia, utilizada ao extremo pela sociedade moderna e auxiliada pelo avanço da ciência e da tecnologia, fez do homem apenas ferramenta. Nas palavras de Heidegger, ferramentas "com o humano desaparecendo no processo" (*apud* Brown, 1994).

Boa parte das análises dos críticos às visões tradicionais da política internacional que surgem no final do século XX são questionamentos da separação entre as dimensões da política internacional e da moral originada em Morgenthau quando o autor afirma que a "razão de estado" deveria prevalecer sobre qualquer moral, dada a incomensurabilidade dos valores dos diferentes países (2003). Para os pós-positivistas é necessáriobuscar retomar possibilidades de se pensar eticamente as relações internacionais, através do questionamento das fundações básicas do pensamento na disciplina, revendo a ontologia, epistemologia e metodologia a partir das quais foram estabelecidas as principais teorias de Relações Internacionais.

Nesse sentido, em diferentes tons, os dissidentes utilizarão a idéia de perspectivismo de Nietzsche – "[...] a física também é apenas uma interpretação e arranjo do mundo [...] e não uma explicação do mundo" (*apud* Brown, 1994) – para sugerir uma solução ao niilismo que toma conta do homem máquina da modernidade. Esse perspectivismo, lá em

Nietzsche, tem como pano de fundo a crença na transvaloração, ou seja, o pensar além do bem e do mal como nova forma de olhar a existência humana. Nas abordagens dissidentes em Relações Internacionais, essa transvaloração será encontrada na quebra das dicotomias oriundas da dialética da divisão que foram utilizadas na construção do discurso das teorias tradicionais que criaram a "cartografia moral" (Shapiro e Campbell, 1999) do sistema internacional moderno.

Entendemos o termo "moderno" como um período histórico subseqüente à Idade Média, quando acontece a passagem do controle dos sentidos da vida humana da mão de Deus ou da Igreja para a mão dos seres humanos, sendo o principal instrumento da humanidade para fazer essa passagem a razão instrumental. Na Idade Média era a idéia de Deus a responsável pela organização do caos de incertezas que é a vida humana ao dar um sentido teológico para nossa existência. Na Idade Moderna esse caos será organizado pela idéia de razão; "ponto arquimediano"[5] do ser humano moderno que resulta como instrumento de controle da ansiedade cartesiana[6] oriunda de uma vivencia sem sentido definido ou determinado.

A lógica do iluminismo e da ciência moderna é, portanto, a de proporcionar ao ser humano mecanismos que possibilitem o conhecimento e controle do mundo que o cerca. A partir da observação empírica dos fatos, estabelecem-se teorias que se preocupam em mostrar os padrões recorrentes na natureza para que o homem tome conhecimento destes e saiba agir no mundo. A idéia inerente à modernidade – que vimos ser utilizada pelos teóricos de Relações Internacionais no escopo de tornar a disciplina mais cientifica – é a de que existe uma verdade, uma realidade "lá fora", a qual deve ser buscada através do conhecimento científico; já que é a descoberta dessa verdade que levaria o ser humano, de forma teleológica, a alcançar sua emancipação.

As contribuições pós-positivistas que trabalhamos neste artigo questionam qualquer visão logocêntrica de desenvolvimento ou de conhecimento cumulativo, argumentando que a própria idéia de progresso – assim como qualquer outro discurso de verdade – é composta por uma prática política que pretende privilegiar uma visão de mundo em detrimento de outras. Os críticos mais radicais, que encontraremos na

literatura corrente sob os rótulos de pós-modernos ou pós-estruturalistas e cujas análises recebem maior atenção neste artigo, se dedicarão então às análises dos discursos que constroem a realidade da forma como a entendemos e à análise das práticas políticas que estão por detrás desses discursos.

Muito influenciados pelo pensamento dos filósofos Michel Foucault, Jacques Derrida e Emmanuel Levinas, esses autores argumentam que a modernidade é uma construção discursiva onde o conhecimento científico ganhou status de verdade e é utilizado por aqueles que não querem perder os privilégios até agora conquistados para a preservação das hierarquias – posições de poder – que constituem a realidade como a entendemos. É destaque no pensamento de Foucault, por exemplo, sua preocupação com as especificidades das condições históricas em que o conhecimento foi produzido quando "arqueologicamente" o filósofo estuda as práticas de hierarquização de valores.

De maneira geral podemos, portanto, falar que as abordagens pós-positivistas caracterizam-se pelo questionamento das premissas epistemológicas, metodológicas e ontológicas das teorias tradicionais da disciplina de Relações Internacionais. Epistemológicas porque diferentemente dos positivistas que utilizam uma epistemologia restrita ao conhecimento empírico do mundo – os pós-positivistas questionam a existência de uma realidade lá fora a qual podemos observar empiricamente. Metodológicas porque não acreditam na idéia de unidade da ciência pelo método já que, para eles, o mundo social não apresenta as mesmas regularidades da natureza, estando o primeiro em permanente construção. Finalmente ontológicas, porque o limite ontológico de suas analises está muito além da realidade das teorias tradicionais, sendo mesmo que para os mais radicais esse limite não existe.

2. As contribuições feministas e as Relações Internacionais

Nas Relações Internacionais, as perspectivas feministas ganham destaque concomitantemente, mas em diferentes proporções, às contribuições construtivistas e pós-estruturalistas, tendo sido impulsionadas principalmente por uma inquietação de mulheres que se dedicavam a

estudos na área que perceberam a ausência gritante de mulheres no mundo da política internacional. Perceberam, particularmente, a forma como essa ausência já fora reificada, sendo entendida como natural pela academia (Sylvester, 1996: 254).

O principal objetivo das feministas passa a ser pontuar as práticas disciplinadoras da produção de conhecimento na área, uma vez que, para as representantes dessas correntes, a produção científica na área de Relações Internacionais está envolta por idéias de gênero, ou, num tratamento dado por elas, é um "*gendered knowledge*" disciplinado por uma epistemologia androcênctrica de produção de conhecimento. Atualmente, acompanhando o movimento maior de crescimento da influência das abordagens pós-positivistas na área de Relações Internacionais do pós Guerra Fria, existem diversas correntes do pensamento feminista sendo representadas na área. Assim como os pós-positivistas, elas poderiam ser divididas em diversos grupos, dado, como já mencionado anteriormente, a grande colcha de retalhos de pensamentos diversos que compõe a literatura pós-positivista. Destacamos neste trabalho duas principais vertentes que entendemos englobar a maioria das formas que o feminismo pós 90 pode adquirir. De um lado, destacamos as feministas do "ponto de vista feminino" (Sylvester, 1996) e, de outro, as "feministas pós-modernas (Nogueira e Messari, 2005: 225)

As feministas do "ponto de vista feminino" se servem da desconstrução derridariana na articulação da "voz" dos silenciados e excluídos para construir uma versão de mundo articulado pelo feminino, "que chega até a apresentar uma forma alternativa de realismo" (*idem*). Essa perspectiva se dedica ao estudo das pessoas comuns, vivendo em lugares comuns, mas internacionalizados, como os campos de refugiados, numa tentativa de apontar a existência da política internacional mesmo nesses lugares, usualmente ignorados pelas análises mais tradicionais de Relações Internacionais, que, conforme visto concentram-se em alguns poucos atores internacionais de grande importância e visibilidade, como os Estados e as organizações internacionais.

Já as "feministas pós-modernas"[7], como a própria designação que receberam sugere, foram influenciadas por e influenciam a mais radical das correntes pós-positivistas em Relações Internacionais: os Pós-Modernos. As feministas que compartilham dessa abordagem trabalham na desconstrução

das questões de gênero buscando a transgressão das fronteiras da própria idéia de gênero ou de qualquer idéia fixa, natural ou essencial de identidade. Enquanto as feministas do "ponto de vista feminino" se ocupam em articular a voz da mulher e dos excluídos da política internacional, as feministas pós-modernas têm por principal objetivo a desconstrução das fronteiras da epistemologia dual moderna como um todo.

Argumentamos anteriormente que as perspectivas pós-positivistas em Relações Internacionais são parte de um contexto de intenso questionamento das fronteiras do mundo moderno. As abordagens feministas pós-modernas em Relações Internacionais são as análises que se dedicam a questionar as fronteiras da identidade da disciplina de Relações Internacionais, apontando, assim, as características masculinas – posto que um gendered knowlegde androcêntrico – na produção de conhecimento em Relações Internacionais. Busca-se, do mesmo modo, saber como essas características da identidade masculina dominam e influenciam a produção de conhecimento na área.

3. Identidade e ética

> *Do we have to be content with the continuation of the success of particular national identities at the expense of other sub national and transnational identities*? (Peterson, *apud* Zalewski e Enloe, 1995: 287).

As contribuições feministas pós-positivistas na área de Relações Internacionais auxiliam, portanto, na desconstrução das identidades reificadas na disciplina que se provaram excludentes, hierárquicas e autoritárias. Não só isso, elas buscam espaço para que as características conhecidas no imaginário da civilização ocidental moderna como femininas possam ganhar voz na produção de novas articulações para as relações internacionais. Nesse sentido argumentamos aqui que as perspectivas feministas, ao criticarem um discurso dominante e ao apresentarem a necessidade de novos olhares (femininos) para as relações internacionais, corroboram a proposta dos autores pós-modernos que discutiremos a seguir de rearticulação do pensamento na disciplina de Relações Internacionais.

Em geral, as propostas encontradas nos autores pós-modernos que escrevem sobre relações internacionais estão ligadas a uma crítica a configuração moral do sistema de Estados soberanos. Para eles, assim como para as feministas, se faz necessária uma nova forma de falar sobre as "relações inter-diferenças" num imaginário para além do sistema de estados nacionais, no qual a idéia de ética supere as fronteiras das identidades nacionais.

> *In order to think beyond the moral boundaries constituted by a state sovereignty commitment, it is necessary to turn to ethical orientations that challenge the spatial predicates of traditional moral thinking and thereby grant recognition outside of modernity's dominant political identities*" (Shapiro, 1999: 61).

Segundo os pós-positivistas pós-modernos, a disciplina de Relações Internacionais, tendo sido construída a partir do discurso civilizacional da modernidade ocidental européia, não responde às questões contemporâneas das relações internacionais, já que tem por realidade um discurso pouco aberto ao diferente. Para Innayatullah e Blaney, autores pós-colonialistas, essa tendência a ignorar o diferente é parte da ética ocidental moderna onde comparação e competição são entendidas como essências do ser humano, pois as teorias de modernização que construíram o pensamento ocidental desde o Iluminismo utilizam a competição e a comparação para diferenciar o "eu" do "outro", por meio do estabelecimento dos valores "mais" e "menos", num processo de construção identitária que exige a negação ou assimilação do "outro" para a existência do "eu".

Como esse discurso de exclusão é, portanto, intrínseco à ontologia das teorias de Relações Internacionais, os pós-modernos, os pós-colonialistas, as feministas desconstruíram os discursos tradicionais da área para mostrar onde essa ontologia era responsável pela inclusão ou exclusão de idéias sobre o mundo e, principalmente, onde ela excluía o pensamento ético e responsável das relações internacionais. Nesse sentido, propõe-se como idéia alternativa para a relação identidade/diferença um diálogo não colonizador/não violento na zona de relação entre a identidade e o desconhecido.

> A relação com o outro…não se constrói de uma totalidade nem estabelece uma totalidade, integrando eu e o outro. […] Ontologias de integração são

> egoisticamente pensadas para a domesticação da alteridade dentro de uma estrutura de entendimento que permite a apropriação violenta do espaço do outro. […] Para ser olhado eticamente, o outro deve permanecer um estranho que 'perturba o sentir-se em casa do eu, um outro que continua infinitamente outro'. A Ética para Levinas é, finalmente, 'uma relação não-violenta com o outro como infinitamente outro' (Shapiro, 1999: 64).

Como achar motivações para que as pessoas reflitam sobre uma nova ética de encontros, ou mais ainda, que elas se motivem a pensar articulações alternativas para novas configurações de convivência humana? Se os encontros na zona de contato acontecem permeados por tanta subjetividade quanto medo, incerteza, desconhecimento, encantamento, como achar motivação ou convicção de que esses encontros possam se dar de outra forma? Nesse mundo iluminado e desencantado em que vivemos, onde poderemos achar espaço para ações políticas alternativas? Como sair da dinâmica niilista da modernidade na articulação das relações internacionais contemporâneas?

Tzevedan Todorov oferece uma idéia com o conceito de "momento etnológico". Propõe que o momento etnológico seja exatamente a hora do encontro na zona de contato, quando as partes contatantes utilizam-se da diferença que observam no outro – processo que, de costume, lhes faria negar o "outro" para assegurar o "eu". Nesse exato momento, o "eu" usa a diferença como instrumental para auto-reflexão e mudança. Isto é, utiliza-se da apropriação do "outro" como recurso para auto-avaliação, o que acaba por modificar substancialmente não somente a forma como o "eu" vê o "outro", mas também a forma como o "eu" percebe a si próprio e a sua cultura (*apud* Inayatullah e Blaney 2004: 12).

Feminismo e ética: por novas articulações para as relações internacionais

Every man kills the thing he loves (Oscar Wilde)

Tentamos neste artigo contextualizar as críticas pós-positivistas em Relações Internacionais, mostrar o papel das abordagens feministas nessa

críticas e para além disso, mostrar como as críticas feministas se aliam às criticas de autores pós-modernos e pós-colonialistas na articulação de uma nova ética para as relações internacionais. Nossa conclusão então se molda sobre a idéia de que as teorias de Relações Internacionais, da forma como foram até agora elaboradas restringem sobremaneira nosso pensamento sobre como se dão ou como deveriam se dar as relações internacionais.

Os conceitos de espaço e tempo sofreram mudanças drásticas no final do século XX e a produção do conhecimento em Relações Internacionais precisa desenvolver ferramentas mais adequadas para esse novo mundo que vivenciamos. Acreditamos que os pós-positivistas são então os autores que têm procurado adequar a produção de conhecimento da área a esse momento de crise da Modernidade.

Vem daí a força do apelo feminista. Por que não pensar as relações internacionais modernas como um espaço onde vemos o privilégio do imaginário masculino sendo praticado em detrimento do imaginário feminino e as abordagens feministas como as análises que nos permitem pensar em alternativas a esse imaginário androcêntrico?

> *Feminists are arguing for moving beyond knowledge frameworks that construct international theory without attention to gender and for searching deeper to find ways in which gender hierarchies serve to reinforce socially constructed institutions and practices that perpetuate different and unequal role expectations, expectations that have contributed to fundamental inequalities between women and men in the world of international politics. Therefore, including gender as a central category of analysis transforms knowledge in ways that go beyond adding women importantly but frequently misunderstood, this means that women cannot be studied in isolation from men* (Tickner, 1997: 200).

Na dicotomia masculino/feminino, temos o primeiro termo ligado historicamente à idéia de público e racional, e o segundo identificado com o privado e o emocional. Como nos ensina a psicanálise,

> [n]a história da humanidade, a diferenciação do homem e da mulher está entre as mais precoces e impressionantes projeções de opostos, e a humanidade primeva considerava o homem e a mulher como o protótipo dos opostos em geral. Por esta razão, toda oposição aceita facilmente o simbolismo do Masculino

> e do Feminino, e, por conseguinte, a oposição do consciente e inconsciente é experenciada em termos deste símbolo, com o Masculino sendo identificado ao consciente e o Feminino ao inconsciente (Neumann, 2000: 9).

Se as Relações Internacionais analisam a política e esta última está no espaço público, é importante observar a correlação automática entre o masculino e a formação da disciplina para que se possa repensar suas limitações e seu fundacionalismo.

> *The separation of the public and private spheres, reinforced by the scientific revolution of the seventeenth century, has resulted in the legitimation of what are perceived as the "rational" activities (such as politics, economics, and justice) in the former while devaluing the "natural" activities (such as household management, childrearing, and care-giving) of the latter* (Peterson *apud* Tickner, 1997: 201).

"Todo homem mata aquilo que ama" porque não existe espaço para pesarmos o amor/emocional em relações onde a autoridade é conferida à dominação do Masculino "consciente"/racional/publico/realista. É esse discurso do masculino colonizador que as Relações Internacionais têm oportunidade de ver questionado pelas contribuições femininas. Ou *"MANkind will always fear what it does not understand"?* (X-Men: o Filme, 2000).[8]

Notas

1 Sobre pós-positivismo em Relações Internacionais ver Lapid (1989); George (1989); Ashley e Walker, (1990a, b); George e Campbell (1990); Brown (1994); Smith, Booth, Zaleswski (1996) e Knutsen (1997).

2 Usamos aqui "heterologia" no sentido que encontramos em Inayatullah e Blaney: o estudo da diferença (2004: 17).

3 Feminino como significante simbólico de um oposto (dentro de uma epistemologia dual) que na área pública foi privado de voz;como símbolo de discurso silenciado pela hierarquia valorativa da moral androcêntrica da disciplina de Relações Internacionais.

4 Essa compreensão da simbologia de gênero é encontrada em Tickner (1997: 194).

5 "Arquimedes, para tirar o globo terrestre de seu lugar e transportá-lo para outra parte, não pedia nada mais que um ponto que fosse fixo e seguro" (Descartes *apud* Matos: 1998).

6 "[…] *the notion, central to identitarian thinking from Rene Descartes to present, that should we prove unsuccessful in our search for the Archimedean point of indubitable knowledge which can serve the foundation for human reason, then rationality must give way to irrationality, and reliable knowledge to madness.* […] *The peculiarly modern fear that the undermining of the viability of episteme must lead inexorably to irrationality and chaos is the result of the limiting of the modern conception of knowledge and rationality to 'episteme'*." (Neufeld, 1995: 44)

7 "*Sceptical inlining",* conforme Sylvester.

8 "*Michel Foucault was calling for such a disruption when he noted that the purpose of critical analysis is to question, not deepen, existing structures of intelligibility. Intelligibility results from an aggressive practice. It does not make the world intelligible but rather excludes alternative worlds. 'We must', Foucault urged, 'make the intelligible appear against a background of emptiness, and deny its necessity'*" (Shapiro, 1999: 59).

Referências bibliográficas

ASHLEY, Richard K. e WALKER, R. (1990a), "Introduction: Speaking the Language of Exile: Dissident Taught in International Studies". *International Studies Quarterly*, vol. 34, nº 3. Special Issue: Speaking the language of Exile:. Dissidence in International Studies.

____ (1990b) "Conclusion: Reading Dissidence/Writing the Discipline: Crisis and the Question of Sovereignty in International Studies". *International Studies Quarterly,* vol. 34, nº 3. Special Issue: Speaking the Language of Exile. Dissidence in International Studies.

BOOTH, Ken (1995), "Human Wrongs and International Relations Theory". *International Affairs*, vol. 71, nº 1.

BROWN, Chris (1994), "Turtles All the Way Down: Anti-Foundationalism, Critical Theory and International Relations". *Millennium: Journal of International Studies*, vol. 23, nº 2.

CAMPBELL, David e SHAPIRO, Michael (eds) (1999), *Moral Spaces, Rethinking Ethics and World Politics*. Minneapolis, University of Minnesota Press.

FOUCAULT, Michel (1987). *Vigiar e Punir: História da Violência nas Prisões* (27ª ed.). Petrópolis, Vozes.

GADDIS, John Lewis, (1992-1993), "International Relations Theory and the End of the Cold War. *International Security*, vol. 17, nº 3, pp. 5-58.

GEORGE, Jim e CAMPBELL, David (1990), "Patterns of Dissent and the Celebration of Difference: Critical Social Theory and International Relations". *International*

Studies Quaterly, vol. 34, nº 3, Special Issue: Speaking the Language of Exile. Dissidence in International Studies.

GEORGE, Jim (1998), "International Relations and the Search for Thinking Space: Another View of the Third Debate". *International Studies Quarterly*, vol. 33, nº 3.

INAYATULLAH, Naeem e BLANEY, David L. (2004), *International Relations and the Problem of Difference*. London, Routledge.

KNUTSEN, Torbjorn L. (1997), *A History of International Relations Theory.* 2ª ed. Manchester, Manchester University Press.

LAPID, Yosef. (1989), "The Third Debate: on the Prospects of International Theory in a Post-Positivis Era". *International Studies Quarterly*, vol. 33, nº 3.

NIETZSCHE, Friedrich (2003). *O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. São Paulo, Companhia das Letras.

NOGUEIRA, João Pontes e MESSARI, Nizar (2005), *Teoria das Relações Internacionais: Correntes e Debates*. Rio de Janeiro, Elsevier.

SMITH, Steve; BOOTH, Ken e ZALEWSKI, Marysia (orgs) (1996), *International Theory: Positivism and Beyond*. Cambridge, Cambridge University Press.

SYLVESTER, C. (1996). "The Contributions of Feminist Theory to International Relations", *in* Steve Smith (org). *International Theory, Positivism and Beyond.* Cambridge, Cambridge University Press.

____ (1994), *Feminist Theory and International Relations in a Postmodern Era*. Cambridge, Cambridge University Press.

TICKNER, J. Ann (1992). *Gender in International Relations*. Nova York, Columbia University Press.

____ (1996), "Identity in International Relations Theory: Feminist Perspectives", *in* Yosef Lapid e Friedrich Kratochwil (orgs). *The Return of Culture and Identity in IR Theory*. Londres, Lynne Rienner Publishers.

____ (2001), "You Just don't Understand: Troubled Engagements Between Feminists and IR Theorists", *in* Andrew Linklater (ed.). *International Relations*, vol. 1. Florence, KY, Routledge.

____ (2005), "What is Your Research Program? Some Feminist Answers to International Relations Methodological Questions". *International Studies Quarterly*, vol. 49, pp 1-21.

ZALEWSKI, Marysia e ENLOE, Cynthia (1995), "Questions about Identity in International Relations", *in* Ken Booth; Steve Smith (orgs). *International Relations Theory Today.* University Park, The Pennsylvania University Press.

ZEHFUSS, Maja (2002), *Constructivism in International Relations*. Cambridge, Cambridge University Press.

Resumo

Neste artigo analisamos as contribuições das perspectivas feministas para a área de Relações Internacionais. A partir de uma breve análise do discurso das teorias tradicionais da área, argumentamos que a base ontológica e epistemológica que fundamentam essas teorias são limitantes para que se pense em articulações alternativas para a configuração das relações internacionais. Trazemos alguns exemplos de autores que fazem novas articulações entre ética e relações internacionais e procuramos mostrar algumas contribuições feministas nesse debate.
Palavras-Chave: teoria de relações internacionais, perspectivas feministas, ética.

Abstract

Constributions of feminist approaches to the International Relations.
This paper analyzes the feminist contribution to the field of International Relations. By a discursive analysis of the traditional theories in the field, we argue that the ontological and epistemological basis that underpins these traditional theories limit the alternative configuration of the international relations. There are some studies that articulate, for example, ethics and international relations. This paper focus on the feminist studies.
Key-Words: international relations theory, feminist perspectives, ethics.